

GUARNIÇÕES DE FREIO DE EQUÍDEOS: PERSPECTIVAS SOBRE UM CONJUNTO DE MATERIAIS DA ANTIGUIDADE TARDIA NO TERRITÓRIO PORTUGUÊS

Andreia Arezes¹

RESUMO

O presente artigo pretende inventariar e sistematizar as características de um conjunto de guarnições metálicas de freio conservadas em distintas instituições museológicas portuguesas. A análise morfológica desses materiais serve-nos de ponto de partida para a reflexão em torno de uma série de questões pertinentes que se colocam a seu respeito e que passam pelos mais diversos domínios. Neste sentido, a abordagem proposta incide sobre a iconografia privilegiada na concepção destes objectos, promove a discussão acerca da natureza simbólica e social de que se reveste a sua utilização e, necessariamente, empreende um esforço de afinação do respectivo enquadramento cronológico.

Palavras-chave: Guarnições de freio; Equídeos; Antiguidade Tardia.

ABSTRACT

This article aims to inventory and systematize features of a set of metallic harness linings found in different Portuguese museums. The morphological analysis of these materials serve as a starting point of reflection on several pertinent issues related to multiple domains. In this regard, the approach focuses the iconography privileged during conception of these objects, promotes the discussion of the symbolic and social nature of its use and, necessarily, undertakes an attempt to improve its chronological framework.

Keywords: Harness lining; Horses; Late Antiquity.

1. INTRODUÇÃO

O cavalo assume-se como uma “figura” de prestígio, cuja importância surge inequivocamente reflectida nas fontes arqueológicas, históricas e iconográficas, e não apenas para o quadro da Antiguidade Tardia. Basta, pois, atentar na abundante produção científica que vem sendo dedicada aos equídeos, aos materiais ou aos contextos arqueológicos que com eles se relacionam, para desde logo se constatar o quanto, nas mais distintas cronologias, foi já aberto espaço e desbravado terreno para a concretização de um progressivo investimento neste campo de investigação². Naturalmente, compreende-se o interesse granjeado por tais domínios, sobretudo em razão da valiosa utilização a que estes animais, celebrados

¹ Arqueóloga. Assistente Convidada da FLUP.

² Veja-se, como exemplo, o volume 11 da série *Archaeologia Baltica*, intitulado “The Horse and Man in European Antiquity (Worldview, Burial Rites and Military and Everyday life” (Klaipėda University, 2009).

entre os autores antigos, poderiam ser votados: elementos fulcrais no trabalho do campo, na caça, no transporte ou em combate, percebe-se o quão significativo poderia revelar-se o seu uso. E se a relevância do cavalo enquanto recurso “utilitário” é eloquente e inequívoca, o mesmo se pode afirmar relativamente à carga simbólica passível de lhe ser imputada. Com efeito, participava de cenários lúdicos, integrando jogos públicos, “encenações” de aparato (Aurrecoechea Fernández 2007: 321-322) ou, inclusive, a ambiência funerária. Na verdade, os enterramentos de cavalos parecem encontrar-se imbuídos de conotações mágicas, suscetíveis de transmitir uma mensagem vital de força, poder e fertilidade (Karczewska *et al.* 2009: 62), e de criar aproximações com a dimensão religiosa e mitológica (Aurrecoechea Fernández 2007: 321). A articulação entre tais esferas surge plasmada, por exemplo, nos sepultamentos de cavalos sacrificados, como os descobertos num núcleo mortuário localizado a norte do Sena. Neste cenário, atestado arqueologicamente, o equídeo foi identificado com Sleipnir, ser mítico consagrado a Odin, cuja função primordial seria a de assegurar, uma vez por ano, o retorno dos defuntos ao universo terrestre (Rouche 1989: 488), interpretação sugestiva, até pelo facto de ilustrar claramente o vigor das concepções que pressupunham uma inevitável fluidez e interpenetração entre mundos, o dos vivos e o dos mortos. De qualquer modo, os vestígios que vêm sendo coligidos parecem suficientes para garantir que os enterramentos de cavalos ou de materiais a eles associados enformam uma prática constante ao longo do primeiro milénio, e um pouco por toda a geografia europeia, independentemente de se correlacionarem com a implementação do ritual de incineração ou de inumação (Cross 2011: 190).

Mas, direcionando-nos para um outro patamar, vejamos também como a posse do equídeo é, por inerência, sinal de um certo estatuto económico e indício da pertença do detentor a um patamar social elevado. Pedro Palol Salellas, uma referência incontornável no estudo das guarnições de freio, chamou a atenção para o facto de tais objectos configurarem reflexo evidente do gosto pessoal e da mentalidade que norteava os proprietários. E entre estes, haverá naturalmente que fazer menção aos que controlavam os espaços fundiários. Com efeito, as escavações que levou a cabo na *villa* de Pedrosa de la Vega, em Valencia, parecem ter dado um contributo de vulto para que se estabelecesse uma associação clara entre os hábitos de uso dos grandes *potentiores* e a utilização deste tipo de peça. Além do mais, e no seu entender, permitiram firmar algumas das características basilares da cavalaria hispano-romana dos séculos IV e V (Palol Salellas 1972: 140; Ripoll López; Darder Lisson 1994: 278). Contudo, importa ressaltar que a possibilidade de os equídeos vinculados a esses vastos domínios participarem de um propósito militar continua a merecer algumas reservas. Efectivamente, e apesar de a hipótese se afigurar plausível, não foi ainda plenamente demonstrada a existência de pequenas unidades de soldados de cavalaria vocacionados para a defesa e proteção dessa terras (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 279), pelo que a questão continua em aberto.

2. GUARNIÇÕES DE FREIO

No universo dos chamados *instrumenta equorum*, há um conjunto específico de artefactos a merecer particular atenção: as guarnições de freio, também chamadas de camas, à semelhança do que se verifica nas línguas galega e castelhana. Não raro, surgem isoladas nas reservas dos museus e sem proveniência conhecida; todavia, é sabido que uma das ambiências possíveis para a sua deposição seria a funerária (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 295-296). Mas, convém reafirmá-lo, tal realidade não se circunscreve à Antiguidade Tardia, recuando aos tempos imperiais. Veja-se o expressivo caso enformado pelo conjunto conservado numa das sepulturas de inumação da Vega Baja, em Toledo³, revelada em meados da década de sessenta do século XX (Palol Salellas 1972: 133). A cama em causa, atribuída aos finais do século II ou alvares do III, apresenta um desenho peltiforme, fruto do

³ Além das guarnições, ainda na posse do bridão de ligação, o sepulcro abarcava dois passadores, vários instrumentos cirúrgicos e uma moeda de Marco Aurélio, cunhada entre os 161 e 180 d.C. (Palol Salellas 1972: 136; lám. III).

recorte promovido sobre a lâmina metálica, não sendo de excluir que constitua uma espécie de modelo “inaugural” para uma série de objectos (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 290) que, em cronologia mais avançada, acabarão por reproduzir idêntico esquema funcional, ainda que em obediência a uma renovada concepção decorativa.

Ainda no quadro das considerações introdutórias alusivas a estes materiais, afigura-se-nos igualmente pertinente evocar o debate travado acerca da suposta relação entre a sua ocorrência e a existência de uma linha de fronteira na região do Douro, um *limes* de âmbito peninsular. Contudo, tal hipótese de trabalho, defendida por alguns investigadores, encerra um problema intrínseco: o de pugnar pelo confinamento espacial dos achados, quando, na verdade, um mapeamento relativamente recente dos artefactos demonstrou uma amplitude vasta de distribuição que, efectivamente, não só extravasa tais limites territoriais (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 278; 280) como, em paralelo, abarca uma geografia bem mais ampla⁴.

De qualquer modo e, segundo Palol Salellas, a origem destes materiais radicar-se-á precisamente na *Hispania* (Palol Salellas 1952: 297). É também esta a opinião defendida por G. Ripoll López e M. Darder Lisson, autoras que relacionam os fabricos em causa com produções específicas de oficinas locais ao longo dos séculos IV e VI (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 282; 292). É inegável, porém, a variabilidade das hipóteses formuladas a respeito da filiação destes artefactos, denunciando o peso das dúvidas e incertezas que gravitam em torno da referida temática. Palol Salellas começou por chamar a atenção para o facto de estas peças surgirem reiteradamente classificados em obras de síntese como “visigóticas”, muito embora sem fundamentação científica válida. De tal resultou um duplo problema que se funda, por um lado, na errónea imputação de uma ascendência “germânica” a estes objectos e, por outro, nos consequentes erros de enquadramento cultural e cronológico advindos de tal classificação (Palol Salellas 1952: 298). Num outro artigo, posterior, e ao debruçar-se mais detalhadamente sobre alguns destes elementos, em concreto, sobre os que patenteiam representações de zoomorfos alógenos ao território peninsular, o autor aventou-se não só a sublinhar o seu cunho oriental mas, igualmente, a apontar as linhas estilísticas por eles reproduzidas. Com ascendentes na antiga Mesopotâmia, teriam persistido no tempo e circulado até outras paragens, nomeadamente através dos contactos tecidos com citas e sármatas, acabando por penetrar nos territórios do sul da Rússia (Palol Salellas 1953-54: 291). Contudo, esta perspectiva está longe de ser consensual, daí que venha a ser discutida e inevitavelmente contrariada nos artigos trazidos a lume nos últimos anos⁵ (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 348), até porque deixa por responder uma interrogação de fundo, constatada pelo próprio autor, e que se prende com a dificuldade em perceber de que modo esses influxos acabaram por se tornar perceptíveis na realidade hispânica tardo-romana e hispano-visigótica (Palol Salellas 1953-54: 291-292). De acordo com Ripoll López e Darder Lisson a tal não será alheio, por um lado, o comércio de animais exóticos, distribuídos por diferentes pontos da bacia do Mediterrâneo e, por outro, o conhecimento da iconografia auferido pelos artífices hispânicos que se dedicavam a laborar nestas produções (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 347).

E a propósito das produções, note-se que há duas modalidades de fabrico a equacionar: a primeira, atestada no período alto-imperial, concerne ao recorte da chapa ou lâmina metálica, posteriormente retocada com buril ou cinzel; a segunda, por seu turno, à fundição total das peças, com recurso a molde (Palol Salellas 1952: 306; 1972: 141-142). No caso das guarnições de *Conimbriga*, por exemplo, a fundição terá sido efectuada em moldes bivalves, nos quais se encontraria já delineada toda a decoração; o trabalho da lima ficaria assim restrito a aplicação posterior, servindo somente para anular rebarbas

⁴ No mapa de distribuição elaborado por G. Ripoll López e M. Darder Lisson (1994: 353), há um único sítio cartografado em território português: *Conimbriga*. Acrescentamos, no presente artigo, materiais procedentes de outros locais; todavia, estamos cientes de que haverá certamente muitos mais, parte dos quais ainda por classificar e publicar.

⁵ A este respeito, confrontemos a opinião veiculada por Palol Salellas com a defendida por Ripoll López e Darder Lisson: “[...] No creemos que debamos remontarnos a piezas de la Grecia arcaica o de la cultura escito-sármata, para buscar el origen de las representaciones de animales afrontados con la cabeza vuelta pues, como decíamos, estas figuras son habituales en los repertorios iconográficos romanos. [...]” (cf. Ripoll López; Darder Lisson 1994: 348).

ou realçar pormenores ornamentais (Pereira 1970: 12). De qualquer modo e independentemente da natureza dos moldes, o que é certo é que a fundição corresponde ao processo produtivo de eleição das guarnições mais tardias na *Hispania*, sendo, além do mais, aplicado no fabrico de outra classe de objectos, designadamente, das placas de cinturão datáveis dos séculos VI e VII (Palol Salellas 1952: 306; 1972: 141-142), sejam elas de tipologia rígida ou liriforme.

3. OS MATERIAIS EM ANÁLISE

Os artefactos que reunimos no presente artigo têm origens diversas. O conjunto quantitativamente mais significativo procede de *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha), sítio especialmente conhecido pela ocupação ali sedimentada em época romana, mas cuja diacronia, afinal bem mais longa e fecunda, tem vindo a ser progressivamente melhor documentada no quadro de renovadas publicações recentemente dadas à estampa (Alarcão 2012: 122-124; López Quiroga 2013: 319-341). Às guarnições de *Conimbriga*⁶, recuperadas nas chamadas “Escavações Antigas”, anteriores a 1962 (Pereira 1970: 13-14) e actualmente conservadas no Museu Monográfico, acrescem outros materiais, entre os quais dois de proveniência desconhecida⁷; os dois restantes, por seu turno, remetem para lugares distintos, sendo um oriundo de São Torcato (Guimarães)⁸ e outro⁹, de local indeterminado dos arredores de Leiria (Almeida 1962: 247; 256). Há, porém, um denominador comum a aproximar indelevelmente a maior parte deles: as lacunas de informação que lhes são inerentes, decorrentes da carência de dados precisos e contextualizados¹⁰, circunstância que redundava em incontornáveis problemas e limites interpretativos.

3.1. As morfologias

A opção dominante entre os autores que se vêm dedicando ao estudo das guarnições de freio tem sido a de propor a classificação destas peças em função da sua morfologia e das temáticas decorativas nelas plasmadas (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 288). Na perspectiva de Isabel Pereira, sustentada na natureza dos achados de *Conimbriga*, as guarnições de freio dividem-se, fundamentalmente, em dois grupos: o dos artefactos decorados e o dos que se apresentam isentos de ornatos¹¹ (Pereira 1970: 3). No conjunto que aqui nos propusemos abordar avultam três elementos simples (dois dos quais enformam um par), que não só se diferenciam dos demais pelo facto de serem destituídos de qualquer motivo de adorno como, em paralelo, em razão do material utilizado e da técnica empregue na sua elaboração: o ferro forjado. Em termos genéricos, podem considerar-se bastante idênticos, até pelo seu carácter filiforme e secção rectangular (Ripoll López; Darder Lisson: 295). Não obstante, há algumas nuances morfológicas a registar. Um dos objectos (n.º de inv. A.914, fig. 1 e 2), denota configuração próxima a um 8, algo deformado, e não possui qualquer tipo de separação entre o estribo e a aselha¹². Já os que compõem o par (n.º de inv. A.915, fig. 3 a 6), melhor conservados, assemelham-se antes a um bolbo de contorno contracurvado, que se fecha na parte superior, de modo a marcar a divisória face à aselha.

⁶ Perfazem um total de seis peças: A.914, A.915 (designação de inventário aplicado a dois objetos, que compõem um par), A.301, A.511 e A.512.

⁷ Depositados no Museu Nacional de Arqueologia, encontram-se inventariados, respectivamente, com os n.º 2000.48.4 e 2005.116.1. Note-se que o segundo dos objectos, fragmentado, se encontra sinalizado com a indicação de pertença à “Coleção de Virgílio Correia”.

⁸ Conservado no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães (designação: MSA - 2641 [c]).

⁹ Depositado no Museu Nacional de Arqueologia (n.º de inv. 2000.48.5).

¹⁰ Veja-se, por exemplo, a informação sumária publicada por Leite de Vasconcelos a respeito da procedência do objeto de São Torcato: “[...] aparecido creio que no Minho [...]” (Vasconcelos 1932-34: 5). Ressalvamos, contudo, que há uma exceção a destacar neste panorama intrinsecamente vago, e que se firma numa das guarnições de *Conimbriga*. Trata-se da peça A.301, da qual se sabe ter sido recolhida no nível H6 e, concretamente, no ângulo nordeste do edifício das termas (cf. Pereira 1970: 14).

¹¹ Neste sentido, a autora recusa o entendimento de Palol Salellas, que fixa uma compartimentação exclusivamente fundada nas temáticas decorativas (Palol Salellas 1952: 301-314).

¹² Apesar de incompleto e fragmentado, são óbvias as semelhanças que aproximam esta peça do freio representado no mosaico da *villa* de Dueñas (Palência), onde é visível a cabeça de um equídeo acompanhado da inscrição *AMORIS* (cf. Ripoll López; Darder Lisson 1994: 280-281).

É possível que estas guarnições, por vezes coadjuvadas por passadores¹³, conforme observável no já mencionado mosaico de Dueñas, em Palência (Palol Salellas 1972: 143), tenham paulatinamente substituído as de contorno peltiforme, similares à exumada no sepulcro da Vega Baja, em Toledo. Relativamente à cronologia, refira-se que os dados coligidos parecem sugerir para estes artefactos um enquadramento balizado entre os inícios do século IV e os do V, daí a probabilidade de terem coexistido temporalmente com as camas circulares (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 281; 290-291).

Já para o conjunto dos exemplares decorados, todos produzidos em liga de cobre, apontaríamos dois grandes grupos: um primeiro, referente às guarnições providas de decoração vazada, que comporta a peça procedente de São Torcato (n.º de inv. MSA.2641 [c]), a par de um objecto recolhido em *Conimbriga* (n.º de inv. 70.281); e um segundo, que por seu turno concerne às guarnições de freio que exibem decoração zoomórfica. Contudo, devemos sublinhar que os artefactos que compõem este último não configuram uma realidade propriamente homogénea. Com efeito, enquanto alguns mantêm o contorno circular, concentrando as representações figurativas no campo central da peça, outros participam de uma morfologia mais livre, já não subordinada ao “encerramento” na roda, antes se abrindo a um esquema que aposta numa composição específica: os zoomorfos afrontados.

Mas atentemos mais detalhadamente nas características de cada um deles.

3.1.1. Peças com decoração vazada

Uma das particularidades dos objectos abarcados neste grupo prende-se precisamente com o formato circular que apresentam, muito embora prolongado, na parte superior, pelas aselhas destinadas ao suporte das correias da cabeçada, de configuração rectangular, trapezoidal ou triangular. O corpo da peça é vazado, ou seja, recortado, materializando a expressão técnica de uma tendência estética e ideológica que, primando pela rutura da linearidade, encontrou nos tempos finais do Império uma especial difusão (Aurrecochea Fernández 1994: 160). Entre os exemplares hispânicos vazados regista-se uma considerável variabilidade de modelos, que compreende recortes de tendência vegetalista, em forma de arco de ferradura ou até evocativos de uma simbologia especificamente pós-constantiniana, plasmados no traçado do *crismon*, isolado, ou acompanhado dos caracteres gregos *alfa* e *ómega* (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 291).

Nos dois casos que tivemos oportunidade de analisar¹⁴, a decoração é geométrica, radiada, com arranque a partir da moldura que ladeia o orifício aberto em posição central, reproduzindo um esquema que, na opinião de alguns autores, não só possui claros pontos de contacto com as chamadas *phalerae* romanas (Palol Salellas 1952: 298) como, além do mais, marca presença na composição de cenas de caça de pavimentos musivos atribuídos aos séculos IV e V (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 291). Um dos exemplares (fig. 7 e 8), oriundo de *Conimbriga*¹⁵, encontra paralelo razoavelmente próximo numa peça de proveniência desconhecida conservada no Museu Arqueológico Nacional, em Madrid (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 298, n.º 17; 303, fig. 9). Já o segundo, procedente de São Torcato (fig. 9 e 10), evidencia apreciáveis similitudes face ao par de guarnições do mesmo freio oriundo de Pollentia,

¹³ Na opinião de Aurrecochea Fernández, a utilização destes passadores, documentada a partir do século II e, em especial, na fase final da centúria, poderá configurar uma das vertentes do particularismo a que se refere como “[...] localismo típicos de nuestra provincial [...]” (Aurrecochea Fernández 2007: 343). Note-se que são vários os museus portugueses a conservar este tipo de material, proveniente dos mais diversos sítios. Como exemplo, poderíamos indicar os passadores recuperados na Quinta do Fajal e na *villa* das Carvalheiras, em Braga (M.D.D.S.), os do Castro de Fiães, em Santa Maria da Feira (M.H.N.), os de *Conimbriga* (M.M.C.), os da *villa* de Torre de Palma, em Monforte (M.N.A.) ou os da de Milreu, em Estoi, Faro (M.N.A.).

¹⁴ Acrescente-se que D. Fernando de Almeida publica ainda uma guarnição muito incompleta e mutilada recolhida em Idanha-a-Velha e conservada no museu local (Almeida 1962: 247; est. LXIX, fig. 374) que, certamente, se coadunaria com a morfologia e decoração patenteadas pelos dois artefactos em análise. Mas, além do mencionado objecto, D. Fernando classifica um outro (n.º de inv. 16.272, do M.N.A.), oriundo da *villa* de Santo André de Almoçageme (Sintra), igualmente como possível elemento de arreio, integrando-o, à semelhança do precedente, no volume intitulado *Arte Visigótica em Portugal* (Almeida 1962: 247-248). Posteriormente, também Élvio Melim de Sousa, em artigo relativo à *villa* de Almoçageme, veicula idêntica perspectiva, descrevendo a guarnição em causa como “[...] provável peça de arreio «visigótica» [...]” (Sousa 1989: 91). Todavia, e a apesar de, à primeira vista, a peça se assemelhar, efectivamente, a uma guarnição vazada, a ausência de perfuração destinada à passagem do bridão leva-nos a questionar esta classificação e a encará-la com as maiores reservas, pelo que optamos por não integrar a peça de Almoçageme no presente estudo.

¹⁵ No volume VII das *Fouilles de Conimbriga*, regista-se que o referido elemento de freio foi exumado num estrato perturbado e revolvido (Alarcão et al. 1979: 103-104).

em Maiorca (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 301; 308, fig. 11), sendo que, comparativamente ao de *Conimbriga*, e apesar do esquema geral descrito, denota maior investimento a nível decorativo, patente nos ornatos sequenciais incisivos que ladeiam toda a superfície externa do contorno da roda e no traçado mais depurado das aberturas, que parecem imitar o desenho de pétalas ou de elemento vegetalista congénere.

3.1.2. Peças com decoração zoomórfica

Os temas zoomórficos configuram, na sua versão clássica, um campo privilegiado pela arte romana. Todavia, e no universo das camas de freio, encontramos não só animais que perpetuam esse gosto mais puro e sóbrio, mas igualmente representações de seres estranhos à geografia peninsular, antes próprias de um outro contexto espacial, de matriz oriental. É certo, porém, que a questão da assimilação das influências orientais levanta uma série de interrogações (Palol Salellas 1953-54: 279; 290), decorrentes, nomeadamente, das dificuldades em explicar as respectivas modalidades de circulação. De qualquer modo, e segundo Isabel Pereira, os influxos colhidos nesse mundo, ainda que em combinação com a herança romana e as formas artísticas locais, são indissociáveis da criação das guarnições decoradas (Pereira 1970: 3). Já Ripoll López e Darder Lisson preferem sublinhar que a iconografia adoptada não constitui apanágio exclusivo da *Hispania*, antes um denominador comum à generalidade das províncias do Império entre os séculos IV e VI (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 292).

3.1.2.1. Decoração com um só cavalo

No universo das peças destinadas a servir como guarnição do freio de equídeos, não poderíamos equacionar uma escolha ornamental mais apropriada do que aquela que é mencionada: a apresentação de um cavalo como motivo central, solução caracteristicamente tardo-romana (Palol Salellas 1972: 141), que poderá pretender evocar a figura dos cavalos de circo, um tema caro ao Baixo Império, e reiteradamente reproduzido nalgumas das suas manifestações artísticas, designadamente, em pavimentos musivos, ou na produção torêutica (Palol Salellas 1952: 310-311; Ripoll López; Darder Lisson 1994: 279). Entre os objectos que tivemos oportunidade de analisar, encontrámos um único artefacto coadunável com a referida morfologia: o exemplar oriundo de Leiria¹⁶ (fig. 11 e 12). Nele, o equídeo, ajazado, selado e em posição de marcha, surge ladeado pela estrutura da roda, à qual se sobrepõe parcialmente. Esta, tal como a aselha, de configuração sub-rectangular, exhibe círculos oculados, coadjuvados, na faixa metálica que encima o dorso do cavalo, por uma incisão com a forma de cruz.

À semelhança de uma outra peça exumada em local não identificado do território espanhol (Palol Salellas 1952: 311), também a de Leiria possui o orifício para a passagem do bridão no campo inferior, corporizando uma escolha provavelmente justificada em função da necessidade de conceder a maior visibilidade possível à composição iconográfica. Todavia, devemos ressaltar que, apesar das similitudes genéricas que discernimos entre o objecto em causa e outras guarnições, não encontrámos nenhuma suficientemente próxima: a morfologia e ornatos da roda, assim como a distribuição e particularidades da decoração, parecem evados de uma singularidade muito própria. Apenas talvez a de Monturque, Córdova (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 315, fig. 15, n.º 51) possa, ainda assim, ser sinalizada como razoavelmente análoga.

3.1.2.2. Peças com zoomorfos afrontados

A decoração à base de animais simétricos estilizados, supostamente, de feição oriental constitui uma das maiores originalidades das guarnições de freio. Palol Salellas realça o carácter heráldico das representações e o enorme interesse científico de que revestem, sobretudo em razão das incertezas

¹⁶ Leite de Vasconcelos, que o adquiriu para o então chamado *Museu Etnológico*, actual Museu Nacional de Arqueologia, publicou-o em 1913 como provável [...] ornato de cinturão [...] (cf. Vasconcelos 1913: 578, nota 2). Só posteriormente, com D. Fernando de Almeida, viria a ser reclassificado (Almeida 1962: 247).

que, na sua perspectiva, se colocam a propósito das suas origens (Palol Salellas 1952: 313; 1953-54: 289). A tal acresce a própria natureza dos animais em causa, pois aos cavalos, ursos e golfinhos, somam-se os felinos, como as panteras e os leões, ou mesmo as criaturas híbridas, que conjugam especificidades próprias de diferentes seres. Na opinião de alguns investigadores, as temáticas exibidas configuram uma opção artística que, muito embora remontando a tempos recuados, e com ocorrências documentadas em toda a bacia mediterrânica e na Europa Central, perdurou no repertório iconográfico clássico e encontrou nas oficinas hispânicas da Antiguidade Tardia um meio para se perpetuar, ainda que sob formas evolucionadas (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 343-346) ou até, talvez, adaptadas a contextos muito concretos.

Ora, uma das curiosidades a destacar nos três exemplares de *Conimbriga* aqui abordados prende-se com o facto de as cabeças dos zoomorfos apresentarem uma disposição distinta da patenteada pela totalidade das peças peninsulares recentemente reanalisadas (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 319-324). Na realidade, a prática reiteradamente seguida pelos artífices rege-se pelo intento de mostrar as cabeças voltadas em sentidos opostos. No entanto, e contrariando esta solução, os artefactos de *Conimbriga* obedecem precisamente ao esquema contrário, circunstância que nos leva a questionar se a opção traduzida poderá refletir algum tipo de especificidade inerente à oficina responsável pelo fabrico¹⁷. Com efeito, e no que concerne, concretamente, aos objectos A.511 (fig. 17 e 18) e A.512 (fig. 19 e 20), onde avultam dois zoomorfos híbridos, não há dúvidas de que pertencem ao mesmo freio, originalmente unido através de um bridão de ferro¹⁸, em cujas extremidades se encontrariam suspensas as argolas para firmar as rédeas¹⁹. Porém, e ao invés do que à primeira vista se poderia supor, poderão não ter sido elaborados a partir de um só molde: o desajustamento observável através da justaposição de ambos assim o indicia (Pereira 1970: 12; 14). Tal não significa, contudo, que o recurso a um único molde não pudesse enformar uma prática recorrente. Ripoll López e Darder Lisson apontam essa possibilidade, não só para os objectos em causa, mas igualmente para a generalidade das guarnições providas de decoração geométrica ou de zoomorfos em posição heráldica (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 288; 324).

Relativamente às representações, registre-se que os dois seres, com pelagem ondulante incisa e garras bem marcadas, parecem, de facto participar de uma dupla natureza, marítima e telúrica, que agrega traços porventura resgatados a animais aquáticos (talvez golfinhos, com cauda em forma de tridente), em combinação com rasgos procurados entre os felinos. Note-se, contudo, que há outros motivos a relevar: as peltas e as conchas, recursos bastante vulgarizados na arte do Baixo Império (Pereira 1970: 11). Na verdade, as peltas foram sobejamente utilizadas na iconografia romana, e talvez por uma dupla ordem de razões: por um lado, pelo facto de se encontrarem impregnadas de significado mágico; por outro, devido à fácil adequação daquela forma à preparação de adereços, fossem eles direccionados para uso humano ou animal (Aurrecochea Fernández 2007: 162). Já as conchas marcam presença em diversas composições mitológicas, nomeadamente entre as que evocam o nascimento de Vénus, deusa do amor, ou entre as que a mostram representada a navegar sobre um destes elementos marinhos. E apesar de o tema não constituir, naturalmente, um “exclusivo” da *Hispania*, alguns autores acentuam o considerável destaque imputado à concha em pavimentos musivos peninsulares

¹⁷ Veja-se como, em contrapartida, a guarnição de proveniência desconhecida melhor preservada do M.N.A. (fig. 13 e 14) não parece coadunar-se plenamente com nenhuma das soluções evocadas. Com efeito, os dois zoomorfos afrontados, que António Pinto interpreta como representações de leões (Pinto 2002: 395), mostram a cabeça em posição frontal e os corpos lateralizados, no que configura uma escolha claramente diferenciada das demais.

¹⁸ Note-se que parte dos restos ferruginosos do bridão são visíveis na mais completa das guarnições (A.511), onde se encontram a tapar a abertura central da roda, abocanhada pelos dois zoomorfos, que se colocam sensivelmente em posição simétrica. Já na cama truncada (A.512), o orifício apresenta-se desobstruído; todavia a tonalidade alaranjada das superfícies da roda denunciam o contacto com a haste férrea entretanto desaparecida.

¹⁹ Entre os materiais metálicos avulsos recuperados nas “Escavações Antigas” e conservados em reserva no Museu Monográfico de *Conimbriga*, figuram duas argolas, inventariadas, respectivamente, com as designações A.511 e A.512, cada uma das quais se articularia com a correspondente cama de freio.

datáveis do período que se estende entre o século II e o IV, nomeadamente, se cotejado com o menor protagonismo de que auferem em conjuntos itálicos e africanos. Em paralelo, é interessante constatar que em certos mosaicos, caso do de Cártama, em Málaga, o campo inferior da concha, onde a figura de Vénus surge reclinada, é ornado com golfinhos (San Nicolas Pedraz 2004-2005: 303; 307-308), atestando, uma vez mais, que as combinações plasmadas nas guarnições podem adaptar e conceder novas roupagens a esquemas iconográficos clássicos.

Vejam agora o objecto inventariado com a designação A.301 (fig. 21 e 22). Sendo o tema dos felinos afrontados face a uma *cratera* ou *cantharus* igualmente recorrente na torêutica dos tempos finais do Império (Palol Salellas 1952: 316), afigura-se-nos interessante realçar que, apesar das evidentes influências romanas, esta peça emana um carácter mais frustre que o apresentado pelos materiais acima elencados (A.511 e A.512). Essa tendência é observável quer na estrutura assimétrica do objecto, quer mesmo na disposição dos ornatos exibidos pelas panteras, numa combinação densa e irregular de motivos pontilhados e profundas incisões. Neste sentido, e atendendo à sensibilidade distinta que a caracteriza, julgamos que se trata de uma produção marcada por um estilo que se queda um pouco à margem do “cânone”, ainda que imbuído dos esquemas próprios da romanidade, onde terá bebido a sua inspiração.

3.1.2.3. Representação de cenas

Para este ponto relegamos um único exemplar (fig. 15 e 16). Todavia, não poderíamos deixar de o ressaltar, a sua integração não surge isenta de reservas. Com efeito, o facto de a peça se encontrar fragmentada e, portanto, com parte do campo figurativo ausente, não só não nos autoriza a garantir categoricamente a sua inclusão neste campo como, em paralelo, nos leva a equacionar uma segunda hipótese: a de comportar, à semelhança de outras, previamente analisadas, felinos afrontados.

A nível morfológico, há que mencionar que na guarnição em causa o posicionamento do orifício destinado à passagem do bridão diverge do assumido na generalidade das camas. Efectivamente, e contrariando a opção mais vulgarizada, o referido orifício não ocupa o campo central do objecto, tendo sido remetido para a base do círculo, provavelmente no intuito de deixar livre área útil para a delineação da composição iconográfica. É o que sucede, a título de exemplo, com o par de rodas de procedência desconhecida conservada no Museu Lázaro Galdiano, em Madrid, cujos motivos evocam, supostamente, um dos trabalhos de Hércules, em concreto, a luta travada com o leão de Nemeia (Palol Salellas 1952: 309-310), tema clássico e reiteradamente reproduzido nos mais diferentes suportes (Ripoll López; Darder Lisson 1994: 352). Não podemos, é certo, propor tal paralelo decorativo para a peça que aqui tratamos, nem assegurar que comportaria uma cena mitológica ou, em alternativa, uma imagem alusiva à actividade venatória. Ainda assim, parece-nos pertinente apontar a viabilidade das hipóteses aventadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O breve estudo que nos propusemos realizar em torno de um pequeno conjunto de guarnições de freio de equídeo permitiu-nos aflorar um mundo complexo, feito da interessante articulação entre os ascendentes clássicos, os influxos orientais e os contributos gerados pelo próprio substrato peninsular. Assim o demonstra a evolução plasmada na forma e funcionalidade dos artefactos e no modo como estas se combinam com as soluções iconográficas adoptadas, num registo que faz eco de evidentes continuidades.

Neste sentido, não surpreende que o conjunto aqui analisado possua uma inegável coerência. Porém, e em conformidade com o que tivemos oportunidade de constatar, há diferenças morfológicas e decorativas a valorizar. A própria cronologia poderá não ser, em rigor, absolutamente uniforme. Com efeito, e ainda que possamos afirmar que a generalidade destas guarnições de freio de cavalo se inscreve

no intervalo que se estende entre os séculos IV e VI, carecemos de dados concretos e sustentados que nos ajudem a reduzir a amplitude proposta e a especificar, de modo mais objectivo, o enquadramento de cada um dos materiais abordados.

Seguramente que nas reservas dos museus, colecções particulares e acervos reunidos no quadro das intervenções de contrato, subsistem muitas outras peças idênticas às que aqui tivemos oportunidade de apresentar. Neste sentido, esperamos que este artigo possa assumir-se não só como um contributo para a aferição de algumas das características e interrogações suscitadas por estes artefactos, mas igualmente como um estímulo para que outros sejam trazidos à luz. Efectivamente, teria todo o interesse incrementar o conjunto de guarnições publicadas, especialmente se coadjuvadas de dados contextualizados. As problemáticas que se espraiam em torno das mais diversas vertentes do mundo da Antiguidade Tardia carecem de investigações firmadas em bases sólidas, que permitam não só prosseguir com o mapeamento destes e de outros materiais, mas igualmente relacioná-los com todas as dinâmicas que lhes são subjacentes, como as que se referem ao âmbito das respectivas teias de produção e circulação, ou às implicações de ordem económica e social a retirar do seu estudo.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (2012), *Conimbriga*, In ALARCÃO, Jorge de; BARROCA, Mário (Coord. de), *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Porto, Figueirinhas, pp. 122-124.
- ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert; ALARCÃO, Adília Moutinho; PONTE, Salette da (1979), *Trouvailles diverses, conclusions générales, Fouilles de Conimbriga*, VII, Paris, Diffusion E. de Boccard.
- ALMEIDA, Fernando de (1962), *Arte Visigótica em Portugal, O Arqueólogo Português*, Nova Série, 4, Lisboa, Museu Etnográfico Português, pp. 5-278.
- AURRECOECHEA FERNÁNDEZ, Joaquín (1994), *Los botones de bronce en la Hispania romana*, *Archivo Español de Arqueología*, 67 [169/170], CSIC, pp. 157-178.
- AURRECOECHEA FERNÁNDEZ, Joaquín (2007), *Arneses equinos de época romana en Hispania*, *Sautuola*, XIII, Santander, Instituto de Prehistoria y Arqueología Sautuola, pp. 321-344.
- CROSS, Pamela J. (2011), *Horse burial in first millennium AD Britain: issues of interpretation*, *European Journal of Archaeology*, 14, European Association of Archaeologists, 190-209.
- KARCZEWSKA, M.; KARCZEWSKI, M.; GREZAK, A. (2009), *The role of horse burials in the Bogaczewo culture. The key studies of Paprotki kolonia site 1 cemetery, Northeast Poland*, in BLIUJENÉ, Audroné (Ed.), *Archaeologia Baltica*, 11, Klaipėda, Klaipėda University Press, pp. 56-88.
- LÓPEZ QUIROGA, Jorge (2013), *De Conimbriga a Condeixa: evolución y transformación de una ciuitas romana en una 'aldea' medieval*, In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (Ed.) *Conimbriga tardo-antigua y medieval. Excavaciones arqueológicas en la domus tancinus (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal)*, 2466, Oxford, BAR International Series, pp. 319-341.
- PALOL SALELLAS, Pedro (1952), *Algunas piezas de adorno de arnes de época tardorromana e hispano-visigoda*, *Archivo Español de Arqueología*, 25, CSIC, pp. 297-319.
- PALOL SALELLAS, Pedro (1953-1954), *Bronces de arnés con representaciones zoomórficas*, *Ampurias*, 15-16, Museu d'Arqueologia de Catalunya, pp. 279-292.
- PALOL SALELLAS, Pedro (1972), *Una tumba romana de Toledo y los frenos de caballo hispanorromanos del Bajo Imperio*, *Pyrenae*, 8, Barcelona, Universitat de Barcelona, 133-146.
- PEREIRA, Isabel (1970), *Elementos de freios tardo-romanos de Conimbriga*, *Conimbriga*, IX, Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 7-14.
- PINTO, António José Nunes (2002), *Bronzes figurativos romanos de Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- RIPOLL LÓPEZ, Gisella; DARDER LISSON, Marta (1994), *Frena equorum*. Guarniciones de frenos de caballos en la antigüedad tardía hispánica, *Espacio, Tiempo y Forma. Serie I, Prehistoria y Arqueología*, 7, Universidad Nacional de Educación a Distancia, pp. 277-356.
- ROUCHE, Michel (1989), *Alta Idade Média ocidental*, in VEYNE, Paul (Dir. de), *História da vida privada. Do Império Romano ao ano mil*, 1, Edições Afrontamento, 398-529.

SAN NICOLAS PEDRAZ, M. Pilar (2004-2005), Seres mitológicos y figuras alegóricas en los mosaicos romanos de Hispania en relación com el água, *Espacio, Tiempo y Forma. Serie II, Historia Antigua*, 17-18, Universidad Nacional de Educación a Distancia, pp. 301-333.

SOUSA, Élvio Melim de (1989), Ruínas romanas de St.º André de Almoçageme (freguesia de Colares, Concelho de Sintra), in PONTE, S; VENTURA, A. M.; MIRANDA, J. (Coord. de), *Actas do Seminário: O Espaço Rural na Lusitania. Tomar e o seu território*, Tomar, Centro de Estudos da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, pp. 85-91.

VASCONCELOS, José Leite de (1913), *Religiões da Lusitânia*, III, Lisboa, Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, José Leite de (1932-34), Antigualhas do Museu Etnológico, *Revista de Arqueologia*, I, pp. 4-5.



Fig. 1 e 2 – Fragmento de guarnição de freio filiforme, produzida em ferro forjado (n.º de inv. A.914, do Museu Monográfico de *Conimbriga*).



Fig. 3 a 6 – Par de guarnições filiformes, pertencentes ao mesmo freio, e igualmente produzidas em ferro forjado (n.º de inv. A.915, do Museu Monográfico de *Conimbriga*).



Fig. 7 e 8 – Guarnição de freio de liga de cobre, vazada, com decoração geométrica (n.º de inv. 70.281, do Museu Monográfico de *Conimbriga*).



Fig. 9 e 10 – Guarnição de freio de liga de cobre, vazada, com decoração geométrica (n.º de inv. MSA - 2641 [c], do Museu da Sociedade Martins Sarmiento).



Fig. 11 e 12 – Guarnição de freio de liga de cobre, com decoração zoomórfica: um equídeo em posição de marcha (n.º de inv. 2000.48.5, do Museu Nacional de Arqueologia).



Fig. 13 e 14 – Guarnição de freio de liga de cobre com dois felinos afrontados (n.º de inv. 2000.48.4, do Museu Nacional de Arqueologia).



Fig. 15 e 16 – Fragmento de guarnição de freio de liga de cobre com representação de uma felino (n.º de inv. 2005.116.1, do Museu Nacional de Arqueologia).



Fig. 17 e 18 – Guarnição de freio de liga de cobre decorada com dois zoomorfos híbridos afrontados (n.º de inv. A.511, do Museu Monográfico de *Conimbriga*).



Fig. 19 e 20 – Fragmento de guarnição de liga de cobre pertencente ao mesmo freio que a peça precedente (n.º de inv. A.512, do Museu Monográfico de *Conimbriga*).



Fig. 21 e 22 – Guarnição de freio decorada com dois zoomorfos afrontados frente a um *cantharus* (n.º de inv. A.301, do Museu Monográfico de *Conimbriga*).